

EDUCAÇÃO POPULAR COMO FERRAMENTA PARA A REVOLUÇÃO SOCIAL

Vera Cristina dos Santos¹; Rosycler Cristina Santos Simão²

Resumo

O presente relato busca apresentar uma narrativa da experiência da educadora popular Vera Santos, sobre o período em que foi educadora social no Espaço de Convivência Alcântara Machado, entre os anos de 2014 e 2015. A Tenda Alcântara Machado – um serviço público e social de convivência e fortalecimento de vínculos destinado à população adulta em situação de rua - funcionou nos baixos do Viaduto Alcântara Machado entre os anos de 2012 e 2015 e tornou-se símbolo de resistência e luta por moradia, quando seus conviventes ocuparam o espaço, após a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS) da Prefeitura Municipal de São Paulo anunciar seu fechamento em dezembro de 2015. O objetivo deste relato é mostrar como a atuação dos educadores sociais no tempo em que funcionou o serviço foi crucial para a formação política e social da população que convivia no espaço. Utilizando a metodologia da Pedagogia do Oprimido, do educador Paulo Freire, e, conceitos de autogestão, autonomia, coletivo e horizontalidade, o trabalho desenvolvido pelos educadores sociais é um retrato de como a educação popular pode ser uma ferramenta eficiente para a revolução social.

Palavras-chave: Educação Popular, Pedagogia do oprimido, Espaços não formais de educação, Paulo Freire, Ocupação

POPULAR EDUCATION AS A TOOL FOR SOCIAL REVOLUTION

Abstract

This report seeks to present a narrative of the experience of popular educator Vera Santos, about the period when she was a social educator in the Alcântara Machado Living Space, between the years 2014 and 2015. The Alcântara Machado Tent - a public and social service of coexistence and bond strengthening aimed at the adult population living on the streets - functioned at the bottom of the Alcântara Machado Viaduct between the years 2012 and 2015 and became a symbol of resistance and struggle for housing, when its cohabitants occupied the space, after the Municipal Secretariat for Assistance and Social Development (SMADS) of the São Paulo City Hall announced its closure in December 2015. The purpose of this report is to show how the work of social educators during the time the service operated was crucial for the political and social formation of the population living in the space. Using the methodology of the Pedagogy of the Oppressed, by Paulo Freire, and concepts of self-management, autonomy, collective and horizontality, the work developed by the social educators is a portrait of how popular education can be an efficient tool for social revolution.

Keywords: Popular Education, Pedagogy of the Oppressed, Non Formal Educational Spaces, Paulo Freire, Occupation.

¹ Graduanda em Pedagogia e Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP (Campus Boituva), vera.santos@aluno.ifsp.edu.br

² Docente do Instituto Federal de São Paulo, rosycler@ifsp.edu.br

Educación popular como herramienta para la revolución social

El presente trabajo presenta la narrativa de la experiencia de la educadora popular, Vera Santos, sobre el periodo en que era educadora social en el *Espaço de Convivência Alcântara Machado*, entre los años 2014 y 2015. La *Tenda Alcântara Machado* – un servicio público y social de convivencia para fortalecimiento de vínculos destinados a la población adulta en situación de calle- funcionó debajo del viaducto *Alcântara Machado* entre los años 2012 y 2015 y se hizo símbolo de resistencia y lucha por vivienda cuando sus convivientes ocuparon el espacio después de que la *Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS)* del Ayuntamiento de la ciudad de *São Paulo* anuncia su cierre, en diciembre de 2015. El objetivo de este relato es mostrar como la actuación de los educadores sociales, en el tiempo que funcionó el servicio, fue crucial para la formación política y social de población que convivía en el espacio. Utilizando la metodología da *Pedagogia do Oprimido*, del educador *Paulo Freire*, y conceptos de autogestión, autonomía, colectivo y horizontalidad. El trabajo desarrollado por los educadores sociales es un retrato de como la educación popular puede ser una herramienta eficiente para la revolución social.

Palabras claves: Educación Popular, *Pedagogia do Oprimido*, Espacios no formales de educación, *Paulo Freire*, Ocupación.

1. Introdução

O objetivo deste artigo é relatar uma experiência de uma educadora social do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos Alcântara Machado, popularmente conhecido como Tenda Alcântara Machado, que funcionava nos baixos do Viaduto Alcântara Machado, situado no bairro do Brás, Zona Leste de São Paulo, no cruzamento da Rua Piratininga com a Avenida Alcântara Machado altura do número 888.

Em setembro de 2014, a educadora popular foi convidada a integrar o quadro educadores devido a experiência adquirida em outra Tenda: a Santa Cecília, onde atuou como educadora social entre 2012 e 2013 – ano em que o espaço encerrou suas atividades após forte pressão dos moradores e comerciantes do bairro. A educação social entrou na vida desta educadora de forma inusitada, quando foi convidada a conhecer a tenda Santa Cecília onde um amigo da família – O educador popular Glauber Castro - trabalhava como educador social. A afinidade com as lutas sociais, bem como a possibilidade de retornar ao mercado de trabalho formal após ter tido filhos, foram propulsoras do início da carreira desta educadora na educação popular.

Embora o trabalho nos dois espaços tivesse o mesmo objetivo, notoriamente se percebia que a gestão e a organização da Tenda Alcântara Machado, acontecia de forma diferente da Tenda Santa Cecília, onde a educadora havia trabalhado anteriormente. Ali, todos (trabalhadores sociais e conviventes) eram responsáveis pela manutenção e zeladoria do espaço e, alguns dos conviventes do espaço, eram também funcionários do serviço.

As aulas e oficinas facilitadas no espaço seguiam a metodologia da Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire e, ao longo do tempo em que a educadora atuou no espaço, foi observado o surgimento de uma luta política, reflexo das ações pedagógicas desenvolvidas no local.

O trabalho dos educadores consistia, principalmente, em facilitar oficinas livres que oferecessem aos conviventes uma opção de lazer, cultura ou geração de renda. Porém, outras tarefas como: atendimento e orientação ao público, organização da fila de banho, curadoria e distribuição de doações de roupas, sapatos e cobertores, organização de eventos artísticos e culturais, organização e monitoramento de pequenas excursões, limpeza e organização do espaço, também eram parte da rotina dos educadores.

A população que frequentava o espaço encontrava ali a oportunidade de tomar banho, lavar suas roupas, receber atendimento social e encaminhamentos de forma humanizada, além da opção de participar das atividades educacionais e culturais que o espaço oferecia. Oficinas como: Futebol, escrita, artesanato, violão, além das já citadas fanzine e cine debate – facilitadas pela autora – faziam parte das atividades oferecidas pela Tenda Alcântara Machado. Todas as oficinas tinham como objetivo principal proporcionar lazer, entretenimento e troca de saberes aos participantes trabalhando sua autonomia através da conscientização política e social, além do fortalecimento de vínculos.

O local atendia cerca de 400 pessoas/dia e, mesmo sendo um espaço destinado à população adulta em situação de rua, era também frequentado por crianças (filhos dos conviventes) e moradores de ocupações do entorno.

As relações interpessoais e vínculos sociais eram tão consistentes, que no espaço surgiu um coletivo composto por alguns educadores e conviventes do espaço, o Coletivo Autônomo dos Trabalhadores Sociais (CATSO), que articulava de forma horizontal e combativa, ações que fortalecessem as demandas da população em situação de rua e dos educadores sociais, organizando protestos, manifestações e ocupações de espaços públicos como os que aconteceram na Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC) e a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS) em 2015; quase

sempre reivindicando o direito à moradia, o direito à cidade – um dos motes da campanha de Fernando Haddad – e melhores condições de trabalho para os profissionais do terceiro setor.

Em novembro de 2015, a SMADS, que tinha Luciana Temer como secretária da pasta e Fernando Haddad, como prefeito do município, anunciou o fechamento da Tenda Alcântara Machado, numa decisão totalmente arbitrária, provavelmente cedendo à pressão dos moradores do entorno, que há tempos queriam o fechamento do espaço e a dispersão daquela população em situação de rua, já que alguns dos conviventes da Tenda Alcântara Machado, por comodidade, instalaram pequenos barracos – chamados de malocas – nas calçadas do espaço de convivência e no terreno em frente, onde funcionava uma academia ao ar livre. A justificativa era a de que o espaço possuía arquitetura precária e precisava ser desativado. Como alternativa, ofereceram àquela população os serviços de um aparelho recém-aberto na rua Cajuru, no bairro do Belenzinho, Zona Leste de São Paulo, localizado a 2,4 KM do Viaduto Alcântara Machado.

Em assembleia realizada no dia 04/12/2015 a população que utilizava os serviços do Espaço de Convivência Alcântara Machado, decidiu através de voto aberto, ocupar o local e resistir à imposição da prefeitura em fechar o espaço. Como todos os educadores do espaço faziam parte do CATSO, organicamente participaram das ações dessa ocupação, não como protagonistas, mas como apoiadores. Ali, se pode ver o resultado do trabalho pedagógico realizado durante as oficinas facilitadas no espaço: aquela população, consciente do seu direito à moradia e à cidade, organizou-se para reivindicá-los de forma autônoma.

Figura 1 –Fachada, Ocupação Alcântara Machado



Fonte: SALVADORI, Fausto. Moradores de rua ocupam tenda fechada pela prefeitura. **Ponte**, São Paulo, 09 dez. 2015. Disponível em: <https://ponte.org/moradores-de-rua-ocupam-tenda-fechada-pela-prefeitura/>. Acesso em: 21 set. 2022

A fim de atender as exigências para conclusão do curso de Pedagogia EPT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP (Campus Boituva) e como forma de contribuir com a comunidade acadêmica no que se refere a experiências bem-sucedidas da educação popular, é considerada relevante a escrita deste relato apresentado que está estruturado nas seguintes seções: a seção 2 apresenta um breve histórico sobre a criação dos Centros de Convivência para Adultos em Situação de Rua, popularmente chamados de Tendas, no ano de 2012. Na seção seguinte fala-se sobre as metodologias praticadas no local – principalmente a Pedagogia do Oprimido do educador Paulo Freire e o Teatro do Oprimido de Augusto Boal e, por último, há as considerações finais.

2. As Tendas

No ano de 2012, Gilberto Kassab (PFL), então prefeito do município de São Paulo, criou em alguns pontos estratégicos da cidade, Centros de Convivência para Adultos em Situação de Rua, com a proposta de oferecer um espaço onde moradores de rua pudessem tomar banho, passar o dia, desenvolver atividades de lazer e receber atendimentos e encaminhamentos sociais. Popularmente chamados de Tendas – em referência a estrutura de alguns desses aparelhos funcionarem literalmente, embaixo da estrutura de tendas de lona – estes espaços foram instalados em locais da região central e entorno, onde o “fluxo” de moradores de rua era mais intenso. Segundo Amaral (2010, p. 82), as Tendas:

São espaços destinados à população de rua da região central de São Paulo, que oferecem diversas atividades socioeducativas, socioassistenciais, culturais, de lazer e higiene. Não dispõem de uma estrutura de abrigo, e não impõem regras, o que permite liberdade aos usuários para sua utilização. O intuito é fazer com que, aos poucos, os usuários voltem espontaneamente, até que se sintam prontos para uma acolhida mais concreta. Segundo a associação, entre os serviços mais procurados pelos usuários do local estão as atividades educativas e lúdicas e o banho. Esses também estão recebendo ajuda na elaboração de cartas destinadas a seus familiares e de pedidos para retornarem às suas cidades de origem. (AMARAL, 2010, p. 82).

Porém, na prática, as tendas eram espaços precarizados, mal assistidos e mantenedoras do sucateamento de trabalhos do terceiro setor. Na época, Gilberto Kassab, que já havia sido

duramente criticado por suas políticas higienistas, como os “bancos antimendigos”, também foi criticado pela criação das tendas, tendo sido chamado de higienista pelo então candidato a prefeito Fernando Haddad no Twitter³ e pelo jornalista Gabriel Chalita, na Folha de São Paulo⁴.

2.1 Tenda Alcântara Machado: educação para a revolução

O trabalho da educadora social nas Tendas, foi iniciado já na gestão Haddad (PT), que era visto como um prefeito jovem e moderno, com ideais de esquerda – porém a situação das pessoas que viviam em situação de rua na capital, não era melhor do que na época da gestão Kassab. De acordo com a Educadora Social Pâmela Maria, citada por Sanz (2015, online):

A única diferença do Haddad para o Kassab é que o higienismo dele é gentil, entre aspas, que é como costumamos falar do atual prefeito, pois é visto como bom moço, que faz projetos bem-vistos como o Programa Braços Abertos, do qual muitas pessoas de fora veem como um baita projeto, mas ele é tão higienista quanto o Kassab. Expulsa a população de rua tanto quanto... (SANZ, 2015).

Além da fala de Pâmela, durante o convívio da educadora com população em situação de rua foram ouvidos relatos e presenciadas cenas, que, infelizmente, confirmam esta situação. Não é novidade que a condição social das pessoas que vivem em situação de rua é de invisibilidade. Tanto sociedade quanto poder público ignoram esta população, no máximo quando a enxergam é na posição de incômodo ou assistencialismo.

Foi nesse cenário político-social, que a educadora chegou à Tenda Alcântara Machado em outubro de 2014. Embora já tivesse trabalhado em outra Tenda, a Santa Cecília, notoriamente, foi possível perceber a diferença entre um e outro aparelho, principalmente pela forma como a gestão do espaço acontecia: ali, educadores e conviventes do espaço eram responsáveis igualmente, pela manutenção e funcionamento do serviço. As demandas por higiene do espaço eram divididas entre todos e o clima era mais de coletividade que de instituição. Em assembleias periódicas, população de rua e educadores decidiam juntos quais ações tomar em relação ao espaço, evocando o espírito anarquista da horizontalidade e coletividade. Além disso, praticava-se ali metodologias libertárias das correntes pedagógicas, como a **Pedagogia do Oprimido** de Paulo Freire e o **Teatro do Oprimido** de Augusto Boal.

³<https://twitter.com/Estadao/status/248877873845379072>

⁴<https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/54239-gestao-serra-e-kassab-e-higienista-diz-chalita.shtml>

O Teatro do Oprimido carrega fortes influências da Pedagogia do Oprimido e ambas as metodologias “proporcionam um fazer pedagógico no qual os oprimidos se tornam capazes de perceber o mundo, refletir sobre o mundo, e se expressar no mundo”. (TEIXEIRA, 2007, p. 16).

Ambas as metodologias eram muito bem-vindas ali, dado àquela população necessitar de educação que fosse além da educação ofertada pelas escolas. Além disso, a falta de documentos – muito comum entre as pessoas em situação de rua – bem como a falta endereço fixo, dificultavam o acesso das pessoas em situação de rua à escola formal.

Entende-se como educação não-formal toda a educação que acontece extramuros escolares e de acordo com Gohn (2009, p.31):

A educação não-formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica, etc. São processos de autoaprendizagem e aprendizagem coletiva adquirida a partir da experiência em ações organizadas segundo os eixos temáticos: questões étnico-raciais, gênero, geracionais e de idade etc. (GOHN, 2009, p.31).

O Espaço de Convivência para população adulta em situação de rua, funcionava nos baixos do viaduto Alcântara Machado, altura do número 888 da Avenida Alcântara Machado, cruzamento com a Rua Piratininga, no Bairro do Brás, Zona Leste de São Paulo. Ali eram atendidas cerca de 400 pessoas/dia que buscavam os serviços ofertados pelo espaço: banho, banheiros, lavanderia, encaminhamentos do Serviço Social, encaminhamentos aos albergues e centros de acolhida, além de serviços socioeducativos e de fortalecimento de vínculos. Não era permitido aos conviventes dormir no local, apenas passar o dia e não eram oferecidas refeições, porém, grupos da sociedade civil, faziam doações de marmitas e outros alimentos como pães, café e leite com chocolate diariamente na frente do local. Possivelmente, por esses motivos e por comodidade, formou-se nas calçadas em volta do espaço uma favela urbana, com pequenos barracos que eram chamados pelos conviventes de “malocas”.

A Política Nacional para a População em Situação de Rua (LEI nº 7053 de 23 de dezembro de 2009) prevê em seu artigo 4º que:

O Poder Executivo Federal poderá firmar convênios com entidades públicas e privadas, sem fins lucrativos, para o desenvolvimento e a execução de projetos

que beneficiem a população em situação de rua e estejam de acordo com os princípios, diretrizes e objetivos que orientam a Política Nacional para a População em Situação de Rua (BRASIL, 2009).

Aquele espaço, assim como outros espaços de convivência da região central, era administrado pelo Instituto Social Santa Lúcia – organização sem fins lucrativos com sede no Jardim Ângela – Zona Sul de São Paulo – responsável por tocar outros serviços oferecidos pela Prefeitura de São Paulo à População em Situação de Rua, como o Serviço Especializado em Abordagem Social (SEAS), que tem como objetivo construir o processo de saída das ruas e possibilitar condições de acesso à rede de serviços e à benefícios assistenciais (INSTITUTO SANTA LÚCIA, sem ano, online)

A educadora foi contratada como oficinaira e, numa frequência de duas vezes na semana, ia até o espaço facilitar duas oficinas com duas horas de duração cada, sendo elas: **Oficina de Fanzine**⁵ – onde os participantes eram orientados a produzir uma fanzine sobre a Tenda Alcântara Machado. Para a produção deste material impresso eram realizadas reuniões de pauta onde os conviventes participantes sugeriam os assuntos que gostariam de escrever no fanzine. O planejamento sugeria prazos e saídas para entrevistas externas, trabalhando ali a valorização do indivíduo, de suas ideias, o comprometimento em equipe e individual. Como o fanzine é um material artesanal, possível de se fazer com baixos recursos e com maior flexibilidade de periodicidade e temas, foi uma proposta certa para um público tão plural e inconstante.

A outra oficina facilitada pela educadora no espaço, era a **Oficina Cine Debate**, em que os participantes eram convidados a assistir um filme – com direito a chá e pipoca – e depois sentar-se em roda e debater sobre ele. A curadoria dos filmes era feita pela educadora e as temáticas circundavam o cotidiano e as realidades daquelas pessoas. Debates como: luta de classes, redução da maioria penal, violência urbana, sistema carcerário, entre tantos outros passaram por aquela roda, permitindo aos participantes a livre expressão de suas ideias, a escuta de opiniões diferentes das suas, mas, principalmente, a troca de saberes e vivências.

⁵ O Fanzine é uma produção textual impressa composta por textos autorais ou não, recorte de jornais, revistas, livros e imagens diversas que tem a função de explorar temáticas a partir da imaginação de quem o produz. Corruptela da expressão em inglês: *Fanatic Magazine*, em tradução literal, Fanzine é uma revista feita por fãs. (VILHENA, 2020, online)

Figura 2 – Oficina Cine Debate, Espaço de Convivência Alcântara Machado



Fonte: LISBOA, Clara, MARTINS, Carolina, SERRA, Paula. A história da Tenda Alcântara Machado, uma ocupação de moradores de rua em SP. **Vai da pé**. São Paulo, 22 mar. 2017. Disponível em: <http://vaidape.com.br/2017/03/a-historia-da-tenda-Alcântara-machado/>. Acesso em: 21 set. 2022.

Muitas vezes, a sensação que a educadora tinha era que, estava ali sendo educada, embora estivesse na posição de educadora, fazendo valer a máxima do educador Paulo Freire de que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” (FREIRE, 1987, p. 44). Como discorre Freire:

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas. (FREIRE, 1987, p. 44)

Outrosicineiros, facilitavam oficinas tão relevantes quanto, como a oficina de teatro que tinha como base o método de Augusto Boal conhecido como **Teatro do Oprimido**. Segundo o portal do Instituto Augusto Boal (2010, online):

“O Teatro do Oprimido é um teatro participativo que fomenta formas de interação democráticas e cooperativas entre os participantes. É um "teatro ensaio" praticado por ‘espect-atores’ (não espectadores), que têm a oportunidade tanto de atuar quanto de observar processos de diálogo e pensamento crítico empoderadores.” (BOAL, 2010).

Outra oficina muito relevante para o projeto pedagógico do espaço era a oficina de futebol, que tinha objetivos além da prática do esporte em si. Muito embora os esportes coletivos, naturalmente tragam à tona o espírito da coletividade e cooperação, esta oficina visava o fortalecimento de vínculos, a prática de atividades esportivas como incentivo à abstinência de álcool e outras drogas e o resgate do futebol de várzea e toda sua tradição periférica.

Figura 3 – Corote & Molotov, o time formado por conviventes e educadores



Fonte: MENDEZ, Marcelo, RANIERI, Maristela. O dia que o corote e molotov vibrou. **Museu da Pelada**. São Paulo, 16 set. 2016. Disponível em: <https://www.museudapelada.com/resenha/o-dia-que-o-corote-e-molotov-vibrou/>. Acesso em: 21 set. 2022.

Desta oficina nasceu, inclusive, o único time de futebol que se tem notícia, formado por moradores de rua: o **Corote & Molotov** – nome escolhido pelos jogadores em alusão à cachaça barata, popularmente consumida por moradores de rua e a resistência. Em entrevista ao jornal El País, Paulo Escobar, um dos fundadores do time e ex-gestor da Tenda Alcântara Machado,

citado por Magri (2018, online), explica: "O Corote ajuda o morador de rua a se aquecer e enfrentar o preconceito da sociedade. O molotov simboliza a resistência"

3. A Pedagogia do Oprimido na Prática

No final de novembro de 2015, com o anúncio de fechamento das Tendas Alcântara Machado e Bresser (na Mooca), a população que convivia no espaço e vivia nas “malocas” juntamente com o Coletivo Autônomo dos Trabalhadores Sociais (CATSO) – composto por educadores sociais que trabalhavam no espaço e alguns conviventes – ocuparam simultaneamente a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC) e a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS), reivindicando a revogação do fechamento do espaço, ou uma solução ao direito de moradia daquelas pessoas.

A decisão, havia sido tomada arbitrariamente, sem diálogo com a população que utilizava o serviço e a justificativa era que o local era inadequado e precário para atendimento da população de rua e, em contrapartida, ofereciam àquela população que migrasse à um novo aparelho que havia sido inaugurado na Rua Cajuru, no bairro do Belenzinho, há aproximadamente 2,4 km da Tenda Alcântara Machado. Os usuários estavam indignados, pois o atendimento no novo espaço implicava, além da distância, perda dos vínculos criados ali na Tenda Alcântara Machado. Além disso, todos os funcionários do espaço seriam demitidos com o fechamento do espaço, então também somaram suas forças à essas reivindicações.

A Secretária de Assistência e Desenvolvimento Social, Luciana Temer e o Secretário de Direitos Humanos, Eduardo Matarazzo Suplicy, comprometeram-se em voltar com uma solução para as demandas dos conviventes ao espaço em alguns dias, mediante a desocupação imediata das secretarias.

Porém a solução apresentada por Temer e Suplicy não agradou os conviventes da Tenda Alcântara Machado e, em 04/12/2015, após assembleia realizada no espaço, foi decidido pela maioria que iriam ocupar o espaço e resistir contra o fechamento da Tenda e dispersão das famílias do local.

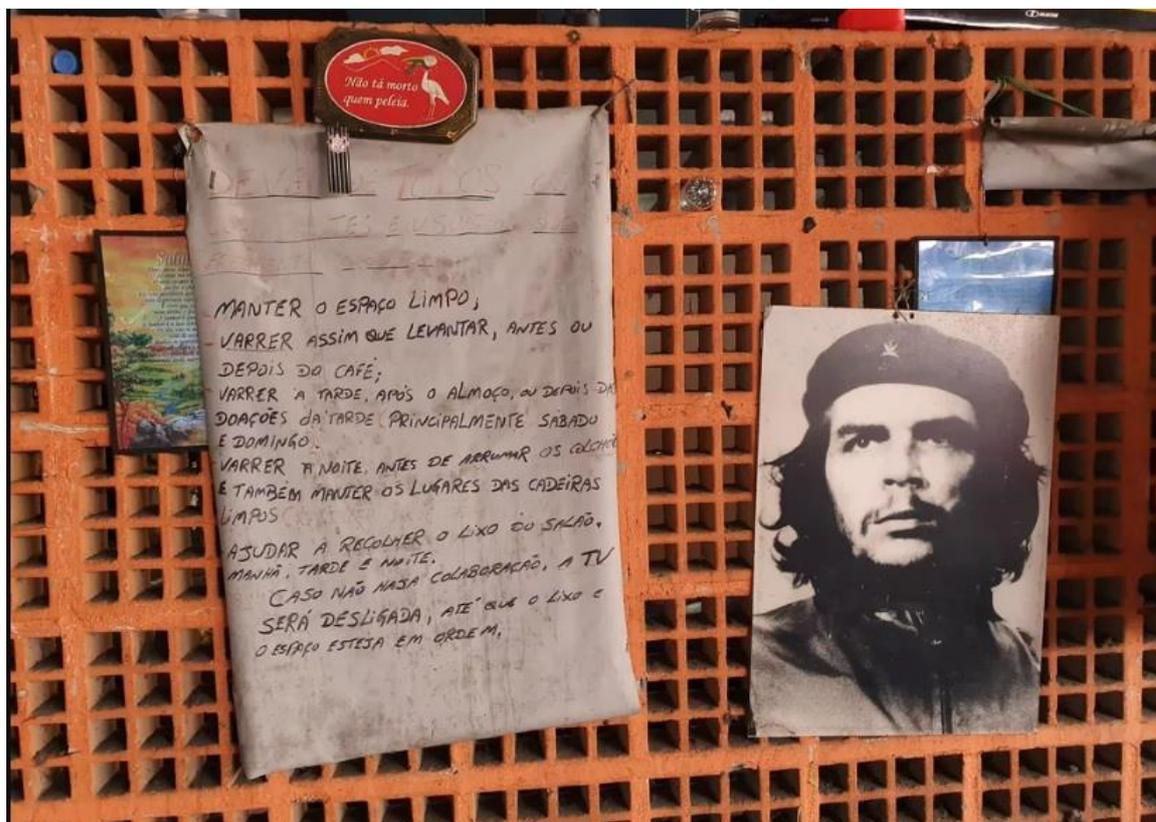
A partir daquele momento, aquela população com o apoio dos educadores sociais do CATSO, organizou-se de forma autônoma e horizontal e criou a Ocupação Autônoma do Povo de Rua Alcântara Machado, que continuou oferecendo aos conviventes os mesmos serviços ofertados pela ONG Instituto Santa Lúcia, incluindo entre os serviços a opção de pernoite no espaço e uma cozinha comunitária.

O espaço tornou-se símbolo de resistência da luta por moradia da população em situação de rua e, embora tenha sofrido algumas tentativas de reintegração de posse, luta judicialmente pela permanência das famílias no local.

Sua luta foi noticiada por diversos veículos de comunicação e, apoiada até internacionalmente pelo ex-presidente do Uruguai José Alberto Mujica, o Pepe Mujica (PONTE JORNALISMO, 2020).

Hoje o espaço ainda resiste e conta com: cozinha comunitária, lavanderia, banheiros e chuveiros, biblioteca, brinquedoteca, escola popular EJA, além de oficinas e atividades artísticas e culturais realizadas por voluntários. Os conviventes do espaço organizam-se entre as tarefas de higiene e a cozinha e ainda decidem em assembleia, assuntos de interesse comum.

Figura 4 – As regras de convívio dos moradores da Ocupação Alcântara Machado



Fonte: VIEIRA, Bárbara Muniz. Justiça determina reintegração de posse de ocupação do viaduto Alcântara Machado, onde vivem 150 pessoas. **Portal G1**. São Paulo, 10 jan. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/01/10/justica-determina-reintegracao-de-posse-de-ocupacao-do-viaduto-Alcântara-machado-onde-vivem-150-pessoas.ghtml>. Acesso em: 21 set. 2022.

No espaço, não é permitido o uso de cigarros, álcool e outras drogas, e quem não se integra às regras de convívio e funcionamento, é convidado a se retirar.

Em conformidade com a Pedagogia do Oprimido esta população reconheceu-se enquanto oprimida e luta por seus direitos e garantias, saindo da condição de invisíveis e passando ao estado de ação-reflexão (FREIRE, 1987, p. 50) ao reivindicar seu direito básico por moradia.

Considerações Finais

Poder viver essa experiência como Educadora Social na Tenda Alcântara Machado e fazer parte da história de ocupação do espaço e testemunhar o nascimento da Ocupação Autônoma do Povo de Rua Alcântara Machado, é realmente uma experiência rica e de inestimável contribuição ao crescimento humano, acadêmico e profissional desta educadora.

Foi apenas após vivenciar estas experiências que a educadora resolveu se inscrever no curso de Pedagogia, pois ali naquelas Tendões, descobriu-se educadora-educanda e aceitou todos os desafios e responsabilidades que esta profissão oferece. A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem (Freire, 1987, p. 50).

É notório que o papel dos educadores sociais do espaço em oferecer aos conviventes uma educação libertária incentivando, através das oficinas facilitadas na Tenda Alcântara Machado, o exercício de pensar-se enquanto ator da situação e colocando os no protagonismo de sua história, foi crucial para a mobilização social que culminou na ocupação do espaço e na transformação do antigo serviço oferecido pela Prefeitura em uma ocupação autônoma de luta por moradia.

A Pedagogia do Oprimido foi a metodologia que norteou o trabalho da educadora, no tempo em que facilitou oficinas no Espaço de Convivência Alcântara Machado. Durante essas oficinas, teve a oportunidade de conhecer histórias, vivências e saberes de pessoas que vivem à margem da sociedade, sendo muitas vezes tratados como invisíveis e, com elas, aprender, muito mais do que ensinar.

Quando o indivíduo se reconhece como parte do problema e passa a partir deste reconhecimento a refletir e batalhar soluções para este problema ao qual pertence, a revolução social acontece e mantém acesa a chama da luta pela manutenção da justiça e da equidade social.

Aquém dos aprendizados enquanto educadora em espaços não-formais esta experiência aqui relatada, prepara esta educadora para o desafio de lecionar em espaços formais de educação, pois apenas entendendo o outro e se colocando na condição de educador-educando

(FREIRE, 1987) é que o trabalho como educador trará mudanças significativas para nossa sociedade.

Referências

AMARAL, Denise Perroud. **A Rede de Atenção à População em Situação de Rua: Possibilidades de Interferência na Definição e Concretização de Uma Política Pública na Cidade de São Paulo**. 162 fls. Dissertação de Mestrado (Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica –São Paulo, 2010.

BRASIL, República Federativa. **Política Nacional para a População em Situação de Rua**: Decreto nº 7053 de 23 de dezembro de 2009.

CAMPANHA, Diógenes. **Chalita chama gestão de Serra e Kassab de 'higienista'**. Folha de São Paulo. Poder. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/54239-gestao-serra-e-kassab-e-higienista-diz-chalita.shtml>. Acesso em: 21 jul. 2022.

DIAS, Paulo Eduardo. **Ameaçada de despejo, ocupação em SP recebe apoio internacional**. Ponte.org, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://ponte.org/ameacada-despejo-ocupacao-em-sp-recebe-apoio-internacional/>. Acesso em: 21 jul. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17^a ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOHN, Maria da Gloria. **Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social**. Meta: Avaliação | Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009

INSTITUTO AUGUSTO BOAL. **Instituto Augusto Boal, c2010. Vida e Obra**. Disponível em: <http://augustoboal.com.br/>. Acesso em: 21 jul. 2022.

INSTITUTO SOCIAL SANTA LÚCIA. **Instituto social Santa Lúcia, c2017. Página inicial**. Disponível em: <http://santaluciasp.org.br/>. Acesso: 21 jul. 2022.

MAGRI, Diogo. **Corote e Molotov, o time de várzea que joga pela resistência da população de rua**. EL PAÍS Brasil, 2018, online. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/24/deportes/1535139440_977155.html. Acesso em: 21 jul. 2022.

MENDEZ, Marcelo, RANIERI, Maristela. **O dia que o corote e molotov vibrou**. Museu da Pelada. São Paulo, 16 set. 2016. Disponível em: <https://www.museudapelada.com/resenha/o-dia-que-o-corote-e-molotov-vibrou/>. Acesso em: 21 set. 2022.

PAIVA, Jacyara Silva de. **Caminhos do Educador Social no Brasil**. Jundiaí, Paco Editorial: 2015.

SALVADORI, Fausto. **Moradores de rua ocupam tenda fechada pela prefeitura.** Ponte, São Paulo, 09 dez. 2015. Disponível em: <https://ponte.org/moradores-de-rua-ocupam-tenda-fechada-pela-prefeitura/>. Acesso em: 21/set./2022

SANZ, Raphael. **Fernando Haddad é tão higienista quanto Gilberto Kassab.** São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.laurocampos.org.br/2015/12/17/fernando-haddad-e-tao-higienista-quanto-gilberto-kassab/>. Acesso: 21 jul. 2022.

SOUZA, Katia Reis de, MENDONÇA, André Luís de Oliveira. **Pedagogia do Oprimido: Ensaio.** Trabalho Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 2019.

TEIXEIRA, Tânia Márcia Baraúna. **Dimensões sócio-educativas do Teatro do Oprimido: Paulo Freire e Augusto Boal.** Tese de doutorado em Educação e Sociedade do Departamento de Pedagogia Sistemática e Social – Universidad Autônoma de Barcelona – Barcelona: 2007.

VIEIRA, Bárbara Muniz. **Justiça determina reintegração de posse de ocupação do viaduto Alcântara Machado, onde vivem 150 pessoas.** Portal G1. São Paulo, 10 jan. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/01/10/justica-determina-reintegracao-de-posse-de-ocupacao-do-viaduto-Alcantara-machado-onde-vivem-150-pessoas.ghtml>. Acesso em: 21 set. 2022.

VILHENA, Evelyn. **“O fanzine é uma arma de revolução”, diz artista e educador social do Jardim Ângela.** Desenrola e Não Me Enrola, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://desenrolaenaomenrola.com.br/raizes-perifericas/o-fanzine-e-uma-arma-de-revolucao-diz-artista-e-educador-social-do-jardim-angela>. Acesso em: 08 set. 2022.